

Sobre o fantasma

Vinícius Rafael de Oliveira (2014)

A fantasia

Uma vez confirmada em sua condição de objeto desejado pelo Outro, a parte do corpo é logo alucinada. É aí, no próprio fato da alucinação, que se produz o mecanismo formador de qualquer fantasia: o sujeito torna-se objeto, o sujeito se identifica com o objeto, o sujeito *é* o objeto.

A distinção entre o momento de separação do objeto e o momento da identificação do sujeito com o objeto é uma distinção puramente teórica. Na prática, devemos reconhecer que a queda do objeto produz-se no mesmo movimento da identificação do sujeito com o objeto do desejo. De fato, não há perda verdadeira sem que o sujeito se identifique com aquilo que perde. Do ponto de vista psicanalítico, somos, na fantasia, aquilo que perdemos.

Peguemos o seio como exemplo, uma vez que o seio seja separado e instituído como objeto do desejo, o sujeito identifica-se com ele. Nesse ponto, a fantasia está constituída. O sujeito torna-se objeto oral, ou melhor, a criança torna-se o seio, que agora se oferece à devoração do Outro.

Modos de “apreensão” / Características da fantasia

- A fantasia comporta: uma cena, personagens – em geral, pouco numerosos –, uma ação, um afeto predominante e a presença, na cena, de uma parte definida do corpo.
- A fantasia exprime-se não somente através do relato do analisando, mas também através de seus sintomas, seus sonhos e seus devaneios.
- A fantasia exprime-se através de um relato ou de um ato que se repete e que, em geral, permanece inesquecível. Ele pode ressurgir no contexto de várias sessões de análise.

- Trata-se de um roteiro que o analisando detalha minuciosamente, mas que considera *enigmático*. Ele descreve todos os seus aspectos, sabe estar intimamente implicado e até reconhece a emoção que essa fantasia desperta nele, mas seu sentido lhe escapa. A despeito de sua implicação, o sujeito vive a fantasia como um elemento enxertado, que se impõe a ele e se repete independentemente de sua vontade.
- Convém também situar a *ação* principal que se desenrola, destacando, acima de tudo, o verbo que o analisando emprega em seu relato para descrever essa ação. A fantasia é sempre encoberta por uma frase organizada em torno de um verbo identificável no relato do sujeito. Por exemplo, o termo verbal “espancado” na célebre fantasia em que “uma criança é *espancada*”. Observe-se, desde já, que, do ponto de vista formal, o verbo da frase que designa a ação fantasística materializa o significante. O verbo da frase da fantasia representa, de fato, o corte entre o sujeito e o objeto, é o significante separador e reunidor do sujeito e do objeto.
- Para identificar o gozo inconsciente que está em jogo na ação – diferente do afeto sentido pelo protagonista –, é preciso considerar, então, que *parte delimitada do corpo* intervém na ação. Esse gozo tem o estatuto do objeto *a*. Mais adiante, reencontraremos o lugar desse objeto, ao abordarmos a lógica da fantasia centrada na identificação do sujeito com o objeto.

Fantasma em Tyzsler

O trabalho possível de uma análise é em cima exatamente disso: trabalhar o que chamamos fantasma. Não fantasmas ou fantasias no plural, Lacan dá unicidade a questão, então o dizemos no singular. A fórmula que aparecia já em Freud quando citou “janela para o mundo”. Pois, é sem dúvida a única brecha que temos.

Nossa janela particular, a lente própria que podemos chamar o fantasma. A neurose, em suas diferentes formas, não é senão uma maneira de ver a paisagem, de estar no mundo. A lente que nos é dada, estruturalmente, não há outra forma.

Lá no início o pequeno serzinho se oferece, se faz, objeto do desejo do Outro. É aí que o fantasma entra, pois, esse fazer-se objeto do Outro vai marcar um tipo de gozo primordial. Lacan nos traz em sua contribuição, em sua concepção sobre a passagem do

objeto pulsional ao fantasma \$ <> a – que o gozo incide sobre o sujeito de 4 formas peculiares.

Formas firmadas pelos 4 objetos, são eles: seio (oral), a merda (anal), a voz (invocante) e o olhar (escópica). Vemos então o fantasma, como janela possível aberta ao mundo, ele se constitui como uma debilidade para o sujeito. “É uma sequência débil, não há nada mais debilitante que a sequência fantasmática, já que ela é exatamente medida de mundo, esse mundo que acreditamos feito a nossa imagem” (p. 16). Não há outro meio a não ser apoiar-se sobre essa janela.

O fantasma então é tanto obstáculo quanto proteção face ao enigma do desejo (o que o Outro quer de mim?). O fantasma é tanto balizador em relação ao desejo como caminho a outra coisa, essa é a dificuldade e paradoxo da posição fantasmática. É por isso que pode se dizer que o caminho a ser percorrido em análise incide justamente no enodamento dado pelo fantasma. Poderíamos dizer que o percurso em análise pretende um afrouxamento desse nó. Uma forma de fazer com o fantasma em sua fórmula proposta por Lacan \$ <> a, basculhe, que a dobradiça conjunção/disjunção possa ser utilizada para desmanchar a cristalização, a adição do sujeito a um determinado objeto e fazer este sujeito passar a dispor de outros objetos.

Temos com Lacan, a observação mais detalhada ao cenário simbólico do fantasma, a lógica do objeto na língua. Ele fala do objeto *a* no simbólico e na maneira como os significantes são esburacados. (No seminário da Transferência ele retoma o estádio do espelho passando do imaginário – *i(a)* ao simbólico – a identificação simbólica comanda a inclinação do espelho, *einzigster zug I (a) Eu ideal*).

Quanto a função do pai na construção do fantasma “É preciso não subestimar o que pode ser abordado como repartição dos objetos numa fratria. É interessante ver como, ao longo das gerações, são distribuídos os objetos pulsionais: para um o olhar, para outro a voz, outro a merda, etc.” Lembremos que na via simbólica é sempre o nome do pai que faz a distribuição.

Uns momentos de fragmentação, outros de junção que definem não somente cada um de nós, mas também o estilo de uma época e de uma cultura (como somos batidos). Daí as falas de Lacan: o inconsciente é social; o inconsciente é político. Não há nada de mais singular e ao mesmo tempo de mais universal que o fantasma. Podemos dizer que ao falarmos desse ou daquele caso estamos falando de como os sujeitos são batidos em determinado tempo. Há algo no fantasma que diz acerca do próprio mal-estar de uma

cultura. “A debilidade do fantasma é debilidade social e política, porque, afinal de contas, trata-se apenas do privilégio desavergonhado do que é um rasgão na língua” (p.18).

Freud, no caso do Homem dos ratos, coloca o objeto fantasmático do lado do significante e do gozo. Em sua obstinada caçada por todos os radicais RAT que aparecem em sonhos, devaneios e evocações. Podemos dizer que o próprio Freud se apercebe das instancias do significante, da letra, do objeto e do gozo.

Nos perguntamos então se a construção fantasmática é lida, assim, tão facilmente? Podemos dizer que a cena imaginária e sua construção simbólica são mais facilmente percebidas. A cena imaginária mostra sua cara já nas entrevistas preliminares, mas, a questão que fica é sobre a parte real, umbilical do fantasma; a apreensão da escolha primordial de gozo do sujeito vai sendo observado no decorrer do trabalho de análise. A percepção do real sempre trazido em Lacan, quando falava em fantasma, através de algo que aponta ao infinito, algo que ex-siste; como as séries de Fibonacci, o número de ouro, as dizimas sem fim, o não rapport sexual.

No estudo trazido por Freud em *Uma criança é batida*, ele comenta a percepção da parte imaginária dessa fantasia, mas se questiona em relação a parte fundamental, inacessível. A frase mais problematizada por Freud se torna então a segunda: *sou batido pelo pai*. Freud diz que em certo sentido, pode-se dizer que ela não tem existência. Mesmo sendo a mais dialetizada *já que ela, em nenhum caso, está ligada a alguma lembrança, ela jamais chegou a tornar-se consciente, ela não participa da razão do sujeito. Ela é uma construção, e que, nem por isso, é menos erotizada*. A deixada sobre a qual Lacan se utiliza desse texto no seu seminário sobre o fantasma em seus próprios questionamentos sobre a parte real. Ele toma a frase mais problematizada por Freud, por ela, ser a menos realista possível, pois ela não existe. Ela ex-siste.

Para terminar:

No contexto do ócio, do tédio, do amadorismo corrompido, passamos a tratar os objetos e os seres tirando-lhes seu peso de realidade para incluí-los na fantasmagoria do desejo. Em prol de uma encenação sagaz, a vida inteira transporta-se para o imaginário e torna-se obra de arte (como gozo estético). Desde então – diz ele – o prazer, o sofrimento e a morte de outrem são apenas elementos de uma representação que a consciência privilegiada se dá diante de um gozo narcísico e solitário (Jean Storobinski. A invenção da liberdade em 1978 e os emblemas da razão).

... o indivíduo separado, cativo de seu sonho e incapaz de aceder ao real se esconde na pose do desafio lançado a Deus. Ou seja, em sua debilidade ele faz UM, ele decide o que é a vida, a moral, ética. O mundo é feito a minha imagem e semelhança!

Je finis.